

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

16 e 31 de Julho de 2025

EDUARDO SERRA, “INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ”

L'IVRESSE DU POUVOIR / 2005 A Comédia do Poder

Um filme de Claude Chabrol

Argumento: Claude Chabrol e Odile Barski / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Eduardo Serra / *Cenários:* Françoise Benoît-Fresco / *Figurinos:* Sandrine Bernard, Mic Cheminal / *Música:* Matthieu Chabrol / *Montagem:* Monique Fardoulis / *Som:* Pierre Lenoir / *Interpretação:* Isabelle Huppert (*Jeanne Charmant-Killman*), François Berléand (*Michel Humeau*), Patrick Bruel (*Jacques Sibaud*), Robin Renucci (*Philippe Charmant*), Thomas Chabrol (*Félix, o sobrinho de Philippe*), Marilynne Canto (*Erika*), Pierre Vernier (*Martino, o presidente do tribunal*), Jacques Boudet (*Descarts*), Philippe Duclos (*Jean-Baptiste Holéo*), Roger Dumas (*René Lange*), Jean-Christophe Bouvet (*Parlebas, o advogado de Humeau*), Stéphane Debac (*o guarda-costas*), Pierre-François Dumeniaud (*Leblanc*), Cyril Guei (*o diplomata africano*).

Produção: Alicéléo; France-2; Filmförderungsanstalt / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa, 35 mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 110 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Berlim, 16 de Fevereiro de 2006 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Monumental), 18 de Maio de 2006.

A SESSÃO DO DIA 16 TEM LUGAR NA ESPLANADA

A Sessão de dia 31 passa em duplo programa com “A Therapy” (2000), de Roman Polanski (“folha” em separado)

La Comédie du Pouvoir foi o ante-penúltimo filme de Claude Chabrol, se excetuarmos quatro episódios de séries de televisão baseados em contos de Maupassant. O filme foi feito, por conseguinte, num dos melhores períodos da vasta obra de Chabrol, o seu magnífico Outono de realizador, marcado por filmes como **Bellamy**, **Merci pour le Chocolat** e **La Demoiselle d'Honneur**. Neste período final, Chabrol trabalhava sem parar, mas nunca de modo mecânico, rotineiro. Guardou os seus alvos preferidos (a burguesia, se possível de província, a família), os seus temas profundos (as variações sobre o mal) e uma narrativa ao mesmo tempo direta e oblíqua, em que as coisas podem ser simultaneamente ditas e não ditas. O humor cáustico que marcou o seu cinema desde os seus começos (o magnífico **Les Bonnes Femmes**, por exemplo) continuou a ser a uma das suas marcas registadas, mas deixou de ser ostensivo e abrasivo, tornando-se mais sutil e ainda mais cínico. Para Chabrol, o mundo é como é e a consciência de que é impossível mudá-lo não o faz deixar de ser crítico e acerbo.

Em **La Comédie du Pouvoir**, uma das suas muitas variações sobre a arte de fazer (e do fazer) cinema e sobre o tema genérico do mal, no qual é um continuador de dois mestres do passado que admirava profundamente, Hitchcock e Lang, Chabrol aborda um tema tirado de um facto real. O habitual aviso no início do filme que qualquer semelhança com factos ou pessoas reais é, “como se costuma dizer”, pura coincidência, é o primeiro sinal de sarcasmo. De facto, **La Comédie du Pouvoir** é mais do que obviamente baseado no “caso Elf-Aquitaine”, que em meados dos anos noventa deu o que falar em França e fora de França. Uma juíza até então desconhecida trouxe ao de cima os métodos de trabalho de uma poderosa companhia petrolífera estatal (especialmente ativa nas antigas colónias africanas), métodos que eram tecnicamente desonestos, porém admitidos e praticados por todos, com comissões, subornos e uma alegre confusão entre as despesas da empresa e os luxuosos gostos pessoais dos seus dirigentes. Vários deles foram encarcerados, pois a juíza (que se transformou, entretanto, em efémera vedeta da mais “honestas” das profissões, a política...) bem sabia que a única maneira de fazer vergar aqueles homens habituados ao poder e à riqueza era mantê-los em detenção provisória. As semelhanças entre o caso real e o filme são óbvias e patentes, a tal ponto que é

dito a certa altura que o personagem de Isabelle Huppert se casara com o filho da família onde fora mulher-a-dias, quando a verdadeira juíza (norueguesa de nascimento) se casou com o filho da família onde fora *au pair*.

Mas embora o argumento de **La Comédie du Pouvoir** deixe mais do que claro que o ponto de partida foi o caso Elf-Aquitaine, Chabrol não segue os acontecimentos ao pormenor, não transpõe o caso de modo literal e pedestre para o cinema. Há inclusive um ponto de viragem no filme em relação ao facto real que lhe serviu de ponto de partida. É o acidente de automóvel, depois do qual passamos completamente do “caso Elf-Aquitaine” a uma ficção chabroliana, inclusive com uma certa transformação física de Isabelle Huppert, que muda de penteado. Por outro lado, em vez de fazer um filme de tribunal, contrariamente ao que teriam feito 90% dos realizadores americanos, Chabrol se fixou na etapa da investigação, nos bastidores, nos ensaios, na elaboração do drama. Não estamos em cena, como num tribunal, estamos de certa forma na cozinha, o que traz à lembrança a famosa frase de Bismarck: “*Se as pessoas soubessem como são feitas as salsichas e as leis...*”. E contrariamente à tradição do cinema americano, em que um pequeno juiz enfrenta o “sistema” e sai vencedor, mostrando que o sistema é fundamentalmente bom, pois aqueles que o desvirtuam acabam por ser agarrados, Chabrol faz do filme um minucioso exercício sobre a ebriedade (a *ivresse* do título original) proporcionada pelo poder, que toma a forma de uma *comédia*, nos dois sentidos do termo, como indica o título comercial português: o poder é ao mesmo tempo uma representação e uma (às vezes) divertida farsa. E quem diz filme sobre o poder diz filme sobre o mal, mesmo no caso daqueles que se arvoram em defensores do bem. **La Comédie du Pouvoir** equipara, de modo discreto, porém nítido, os abusos do poder dos responsáveis pelos grandes conglomerados estatais e a sede de poder da juíza. Não há - nem poderia haver num filme de Chabrol - o jogo entre “bons” e “maus”. Todos são maus e a “virtuosa” juíza, movida pela vertigem de vencer e humilhar, não é muito melhor do que aqueles políticos e empresários que cumprem (com algum descontrolo) as regras do jogo para o qual foram formados. É devido a este cinismo, que é uma aceitação das realidades do mundo, que Chabrol deu ao filme um tom ligeiro, recheando-o com diversos *gags* visuais e auditivos. Entre os *gags* visuais: quando o até então poderoso Michel Humeau está a despir-se ao chegar à cadeia e vemos a sua perna e as suas cuecas, surge de imediato na tela, num *raccord* impagável a indicação *Um filme de Claude Chabrol*. Quando é dito que a alcunha da juíza é *piranha*, vemos um aquário com peixinhos vermelhos e logo a seguir, pela primeira vez, a piranha em questão. Na cena em que um africano discute com dois políticos, um deles tem um pronunciado sotaque do sul de França (que faz rir qualquer francês que não seja do sul), como os personagens de Pagnol. O seu colega indica ao africano: “*Ele é senador do Norte, apesar da pronúncia*”... Conclusão: os políticos são idênticos aos personagens das comédias marsehesas de Pagnol. A juíza se chama Charmant-Killman (tem pouco charme e gosta de matar) e um dos advogados se chama Parlebas (“fala baixo” e ela mal o deixa falar). Isabelle Huppert, a atriz preferida de Chabrol nos últimos vinte e cinco anos da sua carreira e presença feminina mais marcante da sua obra (mais inclusive do que Stéphane Audran) está, como sempre, perfeita na pele de um personagem em quem tudo é impecável, mas que está sempre orientado para a destruição lenta e metódica do próximo. Huppert tem algo do ideal feminino de Hitchcock, o que explica em parte que tenha tido uma colaboração tão próxima com o hitchcockiano Chabrol (sete filmes). Para citarmos o que diz Hitchcock no seu livro-entrevista com Truffaut, ela é o tipo de mulher bem-educada “*que quando menos se espera nos põe a mão na braguilha, dentro de um táxi*”. Em **La Comédie du Pouvoir**, ela é a alma gémea da protagonista de **Merci pour le Chocolat** (“*tenho o dom da maldade*”), que para se entreter tricota uma espécie de colcha em forma de teia de aranha. Embora não tenha a perfeição de **La Demoiselle d’Honneur** e **Merci pour le Chocolat**, **La Comédie du Pouvoir** mostra a que ponto Chabrol podia não ser óbvio, mesmo diante do óbvio.

Antonio Rodrigues